

OS SINAIS DO ABANDONO DE ESTAÇÕES FÉRREAS NA FRONTEIRA DO SUL DO BRASIL

Vanessa Forneck¹

Este trabalho traz um conjunto de fotografias capturadas durante a pesquisa de campo da dissertação de mestrado² da autora, em novembro de 2019, nas cidades-gêmeas Jaguarão, no Brasil, e Rio Branco, no Uruguay. A proposta visa apresentar algumas apreensões experienciadas a partir do olhar sensível para o abandono das estações férreas na região fronteira que margeia o sul do Rio Grande do Sul: a fronteira Brasil-Uruguay. Jaguarão e Rio Branco são divididas por uma fronteira molhada, ou seja, que se separam por um rio, o rio Jaguarão. Uma fronteira que rompe fisicamente o encontro de duas cidades que cresceram juntas, como irmãs, mas que unidas por uma ponte, conectam duas culturas. A ponte Internacional Barão de Mauá é o elo, a comunicação, a travessia, o lugar do *entre*. Nesse ponto, também se encontra o antigo leito ferroviário, que hoje não apresenta mais funcionalidade. Onde passava o trem, resta apenas os vestígios, estes que auxiliam para localizar as estações férreas em cada cidade. Como um rastro no caminho. A investigação sobre o abandono no território da fronteira ocorreu em dois dias. No primeiro, foi realizada a caminhada até a estação férrea de Rio Branco, no Uruguay. Durante o trajeto era perceptível a paisagem do Pampa Gaúcho, o olhar percorria livre pelo horizonte. O dia estava nublado e alguns pingos de chuva acompanharam a travessia, assim como, a vegetação que crescia pelos dormentes. Na estação, o abandono estava por todos os cantos, um abandono visível. O sítio ferroviário estava se deteriorando com o tempo: limo nas paredes, galpões enferrujados, plantas brotando sobre o telhado, poeira aderida à fachada e rachaduras na edificação. Diferentes texturas e camadas sobrepostas que revelavam a pátina do tempo. No segundo dia, acontece o encontro com a estação férrea de Jaguarão, no Brasil. O caminho por vezes oculto, pois os trilhos haviam sido encobertos, o que dificultava a direção a ser seguida. O dia estava quente, céu aberto com poucas nuvens. Chegando no destino final, o prédio restaurado abrigava um novo uso: uma loja Maçônica. Não haviam sinais visíveis de abandono, as paredes estavam pintadas e as esquadrias bem conservadas, tudo parecia em ordem (ou não). Algo causava incômodo. Uma vigia constante e a sensação de um abandono que é sentido na pele. Um grande vazio. Um novo uso, ganha um novo sentido, e nos repele de lá. Duas cidades, uma mesma conexão: os trilhos do trem nos conduzem de um ponto ao outro no território, mas apresentam sensações distintas. Uma marcada por sua materialidade em abandono – um abandono visível – e a outra por sua perda de sentido – um abandono invisível – mas que é sentido. As ferrovias fazem parte do contexto histórico, econômico, social e cultural entre os dois países e, que hoje, encontram-se adormecidas, desprotegidas, desamparadas. Assim, novas interações são encontradas, seja por meio da ação humana ou pela espontaneidade da natureza. São os lugares do possível, daqueles que permanecem em seu estado de aguardo, promovendo um universo de possibilidades nesses territórios abandonados.

¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo e Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas. Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo.

² Este trabalho faz parte dos estudos abordados na dissertação de mestrado da autora, com orientação do professor Dr. Eduardo Rocha, intitulada: Abandono de estações férreas: cartografia sensível na fronteira Brasil-Uruguay, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas, defendida em 17 de novembro de 2021.



Figura 1 - Vista do rio Jaguarão de cima da Ponte Internacional Barão de Mauá no lado brasileiro. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 2 - Aduanas no lado uruguaio e trilhos do trem no centro da Ponte Internacional Barão de Mauá. Fonte: Acervo da autora, 2019.

Figura 3 - Paisagem com vista para o horizonte durante a caminhada pelos trilhos do trem em Rio Branco, UY. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 4 - Vegetação crescendo entre os trilhos do trem em Rio Branco, UY. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 5 - Flores brotando sobre o telhado da plataforma de embarque da estação férrea de Rio Branco, UY. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 6 - Galpões enferrujados do sítio ferroviário de Rio Branco, UY. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 7 - Trilhos encobertos entre o asfalto em Jaguarão, BR. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 9 - Numeração da edificação indicando diferentes temporalidades. Novos usos, novos sentidos. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 8 - Vista da estação férrea de Jaguarão, BR, com símbolos maçônicos indicando o novo uso. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 10 - Sensação de vigilância e controle na estação férrea de Jaguarão, BR. Fonte: Acervo da autora, 2019.

